



Mudança no setor de ovos será maior

Uma das principais questões é como criar milhões de aves soltas. Investimento para alterar todo o sistema é inviável

Para Portocarrero, a situação dos produtores de ovos é mais complexa do que a do setor de corte, pois, embora a produção industrial de ovos no País seja com aves confinadas, pesa o fato de o Brasil ainda não ser grande exportador. “O mercado interno consome 60% da produção brasileira de ovos e por isso o produtor terá um pouco mais de tempo para decidir se quer modificar o sistema de criação. O fato de a galinha permanecer confinada na gaiola vai contra o bem-estar animal, mas somos contra a UE usar isso como barreira.”

A União Europeia determinou que, a partir de 2012, não será mais permitido o uso de

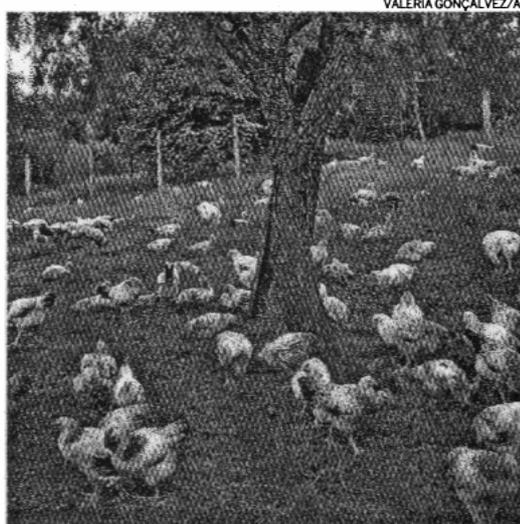
gaiolas convencionais na avicultura de postura. Antecipando-se a essa mudança, porém, uma das maiores redes de supermercados do Reino Unido já anunciou que suspenderá a comercialização de ovos produzidos sob o sistema convencional, passando a trabalhar só com ovos “free range”.

“O sistema free range caracteriza-se pela criação de aves para a produção de carne e ovos em áreas com acesso ao ambiente externo”, explica a pesquisadora Helenice Mazzuco, da Embrapa Suínos e Aves. No Brasil, produtos oriundos desse tipo de criação são vendidos como ovo/frango caipira ou ovo/frango colonial.

Para o produtor de ovos Wellington Koga, de Bastos (SP), na Europa, se a mudança do sistema de criação tem um lado bom – “Criadas soltas, as galinhas têm mais espaço e conforto” –, por outro lado, pode ser arriscado sanitariamen-

te. “O acúmulo de esterco favorece a contaminação. Consequentemente, haverá necessidade de mais medicamentos.”

No Brasil, embora a adoção do free range seja viável pelo fato de haver espaço disponível, a decisão do produtor dependerá do retorno econômico que o novo sistema poderá trazer, diz Koga. “Podemos nos adaptar desde que o mercado pague por isso, pois é uma estrutura de criação totalmente diferente da atual”, diz.



VALÉRIA GONÇALVES/AE

SEM GAIOLA – Frangos orgânicos têm de ter espaço para pastar

Genética para criação “a pasto”

... O Projeto Frango Feliz, da Esalq-USP, desenvolve materiais genéticos adaptados para criações semi-intensivas, já que o frango utilizado em criações industriais foi sendo selecionado para o sistema confinado, diz o professor Antonio Augusto Coelho. “A ave criada no modelo industrial tem voracidade para comer ração 24 horas por dia; não tem mais interesse em andar, ciscar e procurar comida. Ao longo dos anos, ela

foi perdendo essas características naturais.” A ideia do projeto é, portanto, recuperar características que foram sendo relegadas a segundo plano na avicultura industrial. Desde 1997, o projeto já desenvolveu seis linhagens para a criação semi-intensiva e, agora, está desenvolvendo um híbrido de galinha doméstica com galinha d'angola. “Já disponibilizamos até 7 mil pintinhos por ano, para pequenos produtores.” ● F.Y.

te. “O acúmulo de esterco favorece a contaminação. Consequentemente, haverá necessidade de mais medicamentos.”

No Brasil, embora a adoção do free range seja viável pelo fato de haver espaço disponível, a decisão do produtor dependerá do retorno econômico que o novo sistema poderá trazer, diz Koga. “Podemos nos adaptar desde que o mercado pague por isso, pois é uma estrutura de criação totalmente diferente da atual”, diz.

CHÃO RIPADO

Além do maior espaço, Koga destaca a necessidade de “ripar” o chão para evitar o contato da ave com o solo. “Tem também que telar a área para impedir o contato com aves silvestres”, cita o produtor, cujo plantel é de 1 milhão de aves. “Imagina criar 1 milhão de aves soltas?” Acostumada a atender ao mercado externo, entre eles o exigente mercado japonês, a Granja Mantiqueira obedece a todos os padrões exigidos pelos importadores.

Em relação ao free range, porém, o gerente da granja, Eduardo Scarpa, tem restrições. “É um sistema de alto risco sanitário, que eleva os custos de produção e reduz a produtividade.” A granja produz 7.800 caixas de ovos de 30 dúzias/dia e exporta entre 45% e 55% da produção. “Adaptar-se a modelos que contemplem o bem-estar animal será inevitável. Mas tudo deve ser feito com muito critério.” ● F.Y.

Criação alternativa também segue normas

Na fazenda da Korin, que produz frango de corte e ovos em Ipeúna (SP), alguns lotes de frango orgânico estão sendo criados no sistema free range. “Até cerca de 25 dias de vida, a ave fica confinada; depois, as “portas” que dão acesso ao pasto ou piquete são abertas, dando liberdade ao frango”, diz o gerente industrial, Luiz Carlos Demattê Filho. “Neste modelo, a ave expressa seu

comportamento natural”, continua. “É uma alternativa ao sistema industrial, já que ela tem acesso a piquetes, pode pastar, tem sombra.”

A pasto, porém, a taxa de crescimento é mais lenta, as características de carcaça são diferentes e a carne é mais escura e seca, pois tem menos gordura e uma consistência diferente do frango industrial. “É um produto que atende a

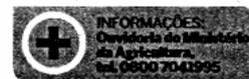
um nicho específico de mercado. Mas, para isso, também deve haver normas de produção. Tem que ser um modelo alternativo com um programa sanitário regulamentado.”

“O sistema free range da Europa é chamado aqui de semi-intensivo e, para se ter ideia, o ciclo de produção do frango de corte no sistema semi-intensivo é de 85 dias, ante 45 dias no modelo industrial”, diz o pro-

fessor do departamento de Genética da Esalq-USP, Antonio Augusto Domingos Coelho.

No sistema free range, normalmente a ave fica confinada até 14 a 21 dias de vida. Neste período, ela mantém-se protegida do frio, da chuva, do vento e de predadores. Após esse período, são abertos os acessos a áreas de piquete, com cobertura vegetal e sombra. “No abrigo, a lotação mínima é de dez

aves/metro quadrado; na área externa, são 1 a 3 metros quadrados para cada ave. O sol também atua como aliado na eliminação de contaminantes”, diz. “O ambiente externo dá conforto térmico para a ave praticar suas liberdades naturais. A sanidade é garantida com a aplicação de vacinas, dieta controlada, telagem da área e higienização das instalações”, afirma Coelho. ● F.Y.



INFORMAÇÕES:
Ovidório do Ministério
da Agricultura,
tel. 0600 7043395